

## **GÊNERO TEXTUAL E RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: OPORTUNIDADE DE INTERAÇÃO DIALÓGICA NA APRENDIZAGEM**

Eduardo Luís de Souza (UEL)

Lara Guilherme (UEL)

**RESUMO:** Este relato de experiência de estágio tem por base situações vivenciadas nas salas de aula de 9º anos (A e B) de um colégio central em Londrina/PR durante o primeiro semestre de 2022. Objetiva-se, para além de abordar as experiências, apontar e refletir acerca de temas que pairam sobre a atmosfera da sala de aula e influem em todo o processo de ensino-aprendizagem, especificamente a escolha do gênero textual a ser trabalhado e a interação entre o docente e os discentes. Tais ponderações se darão a partir da correlação de teorias educacionais, como as de Bakhtin (2003), Irandé Antunes (2015), Libâneo (1994), entre outros, e a realidade vivida durante o período do estágio. Assim, conclui-se que o Estágio Curricular simbolizou um momento de conexão real com os ambientes escolares, tornando-se uma importante experiência em nossa formação docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiência didática; Conto; Afetividade.

### **1. Introdução**

O presente trabalho foi realizado com base nas experiências vivenciadas na disciplina de Língua Portuguesa, em duas turmas de 9º ano (A e B) de um colégio central situado em Londrina-PR, no primeiro semestre de 2022, durante o Estágio Curricular Supervisionado nos anos finais do Ensino Fundamental.

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Fundamental: Orientação e Prática, com orientação do professor coordenador de estágio, é um importante momento em que os discentes do curso de Letras-Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL) são inseridos no ambiente escolar e começam sua preparação para o exercício oficial da docência. É por meio dessa disciplina que os futuros professores têm um primeiro contato com o contexto da sala de aula e começam a conhecer a realidade do ambiente escolar.

Durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Fundamental: Teoria, foram apresentadas algumas técnicas de abordagem a partir dos gêneros textuais, tendo em vista o envolvimento do aluno com a Língua Portuguesa baseado em sua faixa etária.

De acordo com a necessidade de continuidade do conteúdo trabalhado pelo professor supervisor, além dos gêneros textuais, da faixa etária e dos conhecimentos prévios, decidimos pela escolha dos contos para trabalhar com os discentes das turmas. Por serem textos mais curtos e que fomentam a imaginação e a criatividade, e por ser uma boa base para se abordar a análise linguística, julgamos o conto como uma boa escolha, já que possibilita a expansão de suas habilidades de leitura, produção textual e capacidade crítica.

Como estabelecido por Bakhtin (2003), em sua teoria sobre os gêneros discursivos, é importante ressaltar o início da transição dos alunos a partir da produção de contos, dos gêneros primários, que possuem menor grau de complexidade em sua produção, para os gêneros secundários, que já são mais complexos e exigem maior grau de comprometimento e atenção para sua produção. Para isso, faz-se de suma importância a atuação do professor como um facilitador da aprendizagem, sempre à procura de dar à sala de aula um aspecto afetivo e respeitoso, buscando, também, aproximar os conteúdos, no caso os assuntos derivados do conto “Passeio Noturno”, de Rubem Fonseca, à realidade dos estudantes.

## **2. A questão do gênero textual e a interação professor-aluno**

O gênero textual conto — que por muitas vezes não é tão bem trabalhado pelas escolas, tendo em vista a maior importância dada a outras produções que são ditas “mais importantes” para a futura vida profissional do aluno — é uma significativa ferramenta para o desenvolvimento da capacidade criativa, crítica, criteriosa e de escrita dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, pois possuem enredos curtos, carregados de elementos que instigam a imaginação e a curiosidade, além de possuírem certo grau de complexidade em suas produções.

Algo importante trazido por esse gênero textual é a possibilidade de uma narrativa possuir diversos sentidos e significados, dependendo do leitor, como afirma Sousa (2016, p. 22): “[...] como cada pessoa possui um conhecimento de mundo diferente do outro é possível também que um mesmo texto ao ser lido não tenha o mesmo sentido, ele terá uma pluralidade de sentido [...]”. Assim, por conta dessa pluralidade de possibilidades de sentido, e tendo em vista o objetivo que o professor tem ao fazer a leitura do conto, é importante que esse docente, assim como explicitado por Bakhtin (2003), tenha uma intenção comunicativa em sua leitura e não a faça de maneira vazia, carregada de preconceitos, que conheça também o grau de

letramento do público-alvo, uma vez que tal leitura será feita para os alunos do Ensino Fundamental II, visando a uma transmissão única e explicativa da mensagem em questão.

Com o estágio, é possível perceber a mudança das crenças que estavam pré-estabelecidas em nós, estagiários, durante as aulas teóricas, pois, ao entrar em uma sala de aula, lidamos com seres humanos, que são singulares em seus comportamentos e maneiras de aprendizado. E é por meio de diálogos e vivências que o professor vai conhecendo pouco a pouco o grupo no qual está inserido, porque, antes de qualquer atitude metodológica, há a necessidade da plena consciência de estar lidando com indivíduos que possuem características singulares, levando em consideração a idade e as diversas personalidades.

Vygotsky (1987) afirma que as características humanas não nascem com o indivíduo, mas são resultado da relação entre o homem e a sociedade, pois, a partir do momento que o indivíduo busca alguma mudança dentro do meio em que vive, ele acaba entendendo quais são suas necessidades e, assim, consegue transformar-se. Para ele, a escola tem um papel importante no desenvolvimento do indivíduo, pois é nela que se desenvolvem atividades capazes de expandir o conhecimento dessa pessoa. É importante salientar que a metodologia de ensino se faz de extrema relevância para o desenvolvimento do aluno, já que apenas o fato de ele frequentar a escola não é suficiente: a maneira que o professor irá transmitir o conteúdo também é de suma importância, porque é necessário que esse aluno internalize o conhecimento, e não apenas o decore.

É por meio das participações e produções de cada aluno, mesmo daqueles que tendem a ter mais dificuldades no entrosamento, que se gera a interação necessária para que o professor saiba de que maneira lidar com cada turma e cada estudante para alcançar a melhor produtividade no que diz respeito à aprendizagem. Cabe ressaltar também que o docente tem de desenvolver esse tato para extrair o melhor dos alunos. Assim como afirma Libâneo (1994, p. 250): “O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional.”

Nesse sentido, não se pode esquecer da indispensabilidade de inserir a realidade do aluno em relação à língua no contexto de sala de aula, principalmente quando é requisitada uma produção textual como o conto. É muito comum para o aluno do Ensino Fundamental dos anos finais não estar habituado à norma padrão da língua, e é importante que o professor

não discrimine a maneira como esse adolescente se expressa, mas que oriente se a linguagem está de acordo ou não ao contexto escolar/acadêmico, como salienta Irandé Antunes:

É importante que o aluno, sistematicamente, seja levado a perceber a multiplicidade de usos e de funções que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece. Compete ao professor ajudar o aluno a identificar os elementos típicos de cada gênero, desde suas diferenças de organização, de sequenciação (por exemplo, quantos blocos o gênero apresenta e em que sequência eles costumam aparecer) até suas particularidades propriamente linguísticas (lexicais e gramaticais). Desse modo, se alarga a visão de uso da língua, ou seja, se deixa de ver a língua como apenas uma coisa uniforme e apenas podendo ser “certo” ou “errado”. De repente, quem sabe, o aluno vai poder perceber que a língua que ele estuda é a mesma língua que circula em seu meio social. (2015, p. 118)

Trabalhando a partir destas e de outras teorias, foi possível ter uma resposta satisfatória das turmas com relação ao conteúdo que foi passado, e também em nós mesmos, uma vez que buscamos trabalhar o gênero conto e seus desdobramentos por um viés que mesclasse o caráter expositivo e o interativo, visando levar o interesse dos alunos em conta e também criar um ambiente harmônico dentro da sala de aula. Ainda que o estágio não seja o ambiente real de um professor, seja pela diferente recepção do aluno aos estagiários, ou mesmo pelo tempo, os resultados foram bem próximos do esperado para um primeiro contato com a realidade do ambiente escolar.

### **3. Relato da experiência de estágio**

A experiência do Estágio Curricular do 3º ano do curso de Letras-Português foi realizada em dupla, tendo em vista que a prática em conjunto facilitasse o processo vivenciado e possibilitasse a troca de experiências sobre o contato com os alunos. Nesse intuito, buscamos estagiar em duas turmas do mesmo ano, no caso o 9º ano A e o 9º ano B, ambos com a média de 35 alunos, sendo que, desde o início, a diferença no perfil dessas duas turmas foi salientada pela pedagoga e pelo próprio professor regente.

O perfil da turma A foi descrito para nós como “mais calma” e “melhor”, com alunos que participavam mais; já a turma B foi descrita como “bagunceira” e “totalmente dispersa”. Tais estereótipos, bastante comuns em todas as escolas, geraram em nós certa ansiedade em relação a como conquistar os alunos, a fim de que, mesmo em pouco tempo — somente

algumas aulas de observação e dez aulas de regência —, pudéssemos proporcionar, dentro do possível, uma boa experiência aos alunos, criando um ambiente de aprendizagem e respeito. Nessa perspectiva, todas as nossas ações foram pensadas para criar essa ambientação, tendo em vista que:

O afeto é um ato imprescindível para boas relações humanas, eficaz para reforçar potencialidades podendo ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p. 23)

Ao discutirmos com o professor regente sobre os conteúdos que deveríamos abordar em nossas regências, ele nos indicou que terminássemos de abordar as características das narrativas, já iniciada em sala de aula, e também a proposição de escrita de um texto narrativo, tendo em vista o uso da plataforma Redação Paraná. Ao decorrer das aulas, escolhemos trabalhar com o gênero conto e resolvemos, com a aprovação tanto de nosso orientador como do professor regente, adicionar a abordagem do conteúdo de conjunções, pois pensamos que tal tema poderia ajudar no momento da escrita da proposta de produção textual. Também foi indicado que elaborássemos duas avaliações para completar a atribuição de nota.

Por conta de nossa intenção de criar laços, ainda que momentâneos, com os discentes, optamos por, antes de começar a observação, realizar a primeira regência. A aula foi uma dinâmica de apresentação conduzida por nós para que os alunos ficassem cientes de quem éramos e quais os objetivos de estarmos ali, visto que a organização se fez primordial em nossos estudos e na maneira como preparamos as aulas, então buscamos passar a eles a visão do todo das aulas para que pudessem também enxergar o lugar a que pretendíamos chegar. Além disso, nesse primeiro dia, fizemos uma proposta a eles como forma de incentivo: os alunos que mais participassem e cumprissem com os combinados e tarefas ganhariam uma gratificação no final de nosso estágio. O resultado em ambas as turmas foi uma sala agitada, o que, em nossa visão, foi um bom primeiro contato, visto que o “gelo” havia sido quebrado, e a sensação de que éramos totalmente estranhos uns aos outros havia sido amenizada.

No período de observação subsequente, notamos que as turmas realmente possuíam características gerais diferentes: o 9º A era mais calmo em relação ao 9º B, mas isso não significava que o B participava menos, somente que talvez uma nova abordagem do conteúdo poderia se encaixar melhor ali. No fundo, é de comum conhecimento que a adolescência é um período em que o jovem passa por diversas mudanças corporais e hormonais, o que reflete na forma como ele age dentro da sala de aula, geralmente afetando seu comportamento e levando ao agravamento de todas as emoções. Por isso, nós resolvemos adequar nossas aplicações dos planos de aula de acordo com os perfis das turmas e buscar trazer coisas pertinentes à aula que façam parte da esfera cotidiana dos adolescentes, com o intuito de tentar mostrar que a Língua Portuguesa pode ser muito interessante e facilmente encontrada em aspectos vividos por eles.

Ao adentrarmos o período das outras nove regências, que se deram às segundas-feiras, nós trouxemos aos alunos o conto “Passeio Noturno”, do escritor Rubem Fonseca. Por ser um conto com um toque misterioso e surpreendente, sem uma temática infantilizada, os alunos, em ambas as salas, prestaram muita atenção à leitura e, ao fim, dispararam perguntas e comentários, inclusive sobre a possibilidade de verem o livro do qual o conto havia saído, para que pudessem tirar foto de outros textos, a fim de lerem depois. Isso nos deixou muito felizes, uma vez que vimos o interesse deles ao trabalhar o eixo da leitura. Também demos uma folha com perguntas objetivas e reflexivas, as quais serviram para fomentar o pensamento crítico e a discussão promovida acerca do texto, seus temas e seus impactos. Após isso, detalhamos em conjunto o acróstico “pente” (personagens, enredo, narrador, tempo e espaço) dentro do conto em questão, sendo que esta palavra é um facilitador para a memória acerca dos pontos estruturais de uma narrativa.

Nós encaramos a correção do questionário como uma avaliação diagnóstica e devolvemos a eles de uma maneira divertida, além de deixar comentários ressaltando os aspectos bons de cada um e o que poderia ainda ser melhorado. Para cada nota, elegemos um “meme”, que é uma imagem que se propaga em grande escala na internet, geralmente possuindo um cunho humorístico (SOUZA, 2001). Os “memes” escolhidos foram do personagem Flork:

Figura 1 - Memes do Flork utilizados na correção do questionário



Fonte: Rizzo Confeitaria

Por termos poucas aulas e por indicação do professor regente, em cada aula planejamos dar pouco conteúdo, porém de uma maneira bem trabalhada. Assim, decidimos abordar a temática das conjunções, partindo para um viés da análise linguística, de forma a se conectar com o conteúdo do conto, objetivando ampliar as noções de uso prático desses elementos coesivos sem, necessariamente, dar enfoque à nomenclatura.

A princípio, fizemos *slides* com propagandas, músicas, mensagens de celular e bordões de pessoas famosas entre os adolescentes, como a jornalista e crítica de cinema Isabela Boscov, os quais possuíam conjunções e, sempre partindo do sentido entendido pelos alunos, construímos o conceito de conjunção. Os alunos do 9º ano B chegaram à seguinte definição: conjunção é a palavra que liga duas frases com verbo (orações), dando um certo sentido a elas. Com certeza, a conjunção possui mais funções, porém a principal foi entendida por eles. Isso resultou num trabalho em grupo, em que eles tiveram de procurar e grifar as conjunções encontradas dentro do conto “Passeio Noturno”, promovendo também a discussão do motivo da narrativa de Rubem Fonseca não possuir tantas palavras dessa classe, uma vez que faz parte do estilo do autor.

No meio do período de nossas regências, o professor regente teve que entrar de licença por motivos de saúde, então entrou uma professora substituta. Com essa mudança, a turma sentiu um certo choque, pois, por algum tempo, antes da substituição, algumas aulas ficaram vagas, e isso ocasionou uma agitação em ambas as turmas. Nesse sentido, fazê-los não se dispersarem se tornou uma tarefa um pouco mais difícil, porém continuamos com nossos objetivos do início e partimos para a parte final do estágio: a produção textual.

A indicação foi para pegarmos uma proposta já pronta da plataforma Redação Paraná, no entanto resolvemos adicionar um elemento a ela: uma atividade advinda das aplicações da Escrita Criativa, uma vez que os alunos sempre reclamavam que não tinham criatividade para escrever seus textos. Nós passamos um potinho com diversas palavras

aleatórias escritas, e cada aluno sorteou um. O propósito era que eles encaixassem a palavra sorteada dentro da continuação de um conto de mistério, intitulado “O que tem dentro da caixa?”. A maioria dos alunos achou a atividade interessante e começou a nos contar suas ideias e, por meio disso, fomos conduzindo a produção das narrativas durante as últimas duas aulas, uma vez que tal ação nos possibilitou o acompanhamento do processo. Por fim, eles nos entregaram a redação, e nós as corrigimos por meio do seguinte quadro:

Figura 2- Quadro de correções para produção textual

| EIXOS  | NÍVEL DE PROFICIÊNCIA | NOTA |
|--|-----------------------|------|
| Abordou o tema de acordo com a proposta?                                       |                       |      |
| Construiu o texto de acordo com a estrutura do gênero?                         |                       |      |
| Respeitou a Norma Culta?<br>(Ortografia, acentuação, pontuação e concordância) |                       |      |
| Empregou os conectivos de modo adequado?                                       |                       |      |
| Escreveu o mínimo de 200 palavras (aprox. 12 linhas)?                          |                       |      |

Fonte: Os próprios autores

Os níveis de proficiência eram classificados em ótimo, bom, regular e insatisfatório, e as notas eram atribuídas, respectivamente, 10, 8, 6 e abaixo de 5. Além desse recurso, deixamos comentários no pós-texto, caracterizando uma correção textual-interativa, segundo Gonçalves e Bazarim (2013).

Em nossa última aula, terminamos de dar as orientações sobre a escrita dos contos e cumprimos o combinado do começo: entregamos um mimo a todos da sala e, para quem se destacou em participação, respeito e dedicação, entregamos um mimo maior. Alguns alunos, tanto do A quanto do B, elogiaram nossas aulas e vieram se despedir de uma maneira bastante carinhosa. Isso compensou todo nosso esforço, além do ótimo sentimento de “missão cumprida”.

#### 4. Considerações finais

Partindo de todas as experiências aqui relatadas, é possível chegar à conclusão de que, ainda que a turma seja vista como “complicada”, levando em consideração que os alunos estão na fase da adolescência, cabe ao professor/estagiário buscar certa aproximação, não no sentido de tornar-se amigo dos discentes, mas sim em direção à criação de uma afetividade e um ambiente respeitoso, sem que o docente perca sua autoridade.

Vale ressaltar também a necessidade da aproximação do conteúdo passado ao cotidiano dos alunos, sendo uma tarefa difícil, mas não impossível, equilibrar as demandas do livro didático e as vivências dos alunos. Como aponta Libâneo:

[...] frequentemente a matéria do livro didático, as aulas, os modos de ensinar, os valores sociais transmitidos pelo professor soam estranhos ao mundo social e cultural das crianças, quando não se vinculam às suas percepções, motivações, práticas de vida, linguagem. (1994, p. 43)

Por tudo isso, o Estágio Curricular simbolizou um momento de conexão real com os ambientes escolares, em que pudemos realmente colocar em prática a diversidade de formas de se dar aula e a escolha de textos e conteúdos adequados à faixa etária dos alunos, quebrando os padrões de aulas somente expositivas no estilo de um seminário, tornando-se uma experiência de imensa importância em nossa formação docente.

#### Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: Encontro & Interação*. Parábola Editorial. 14ª reimpressão: São Paulo, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- DAVIS, Cláudia. OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Psicologia na educação* (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor). 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- GONÇALVES, Adair Vieira; BAZARIM, Milene. *Interação, gêneros e letramento: a (re) escrita em foco*. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUSA, Karlene Maria de Almeida. *Leitura e Produção Textual no 8º Ano do Ensino Fundamental II: o reconto como estratégia de ensino-aprendizagem*. UFMA. São Bernardo, 2016.

SOUZA, Carlos Fabiano de. *Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço*. Discourse, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.